

Comprender (*Verstehen*)

Josef Pieper¹

(trad.: Jean Lauand & Enio Starosky)²

Resumo: Meditação sobre o compreender, como forma especial de conhecimento.

Palavras Chave: compreender. conhecer. amar.

Abstract: Meditation on understanding as a special kind of knowledge.

Keywords: understanding. knowledge. love.

Ubi amor, ibi oculus: Onde há amor, aí abre-se um olho.

Ricardo de São Vítor

“Compreender”, uma palavra batida, esvaziada em múltiplos usos, pensa-se talvez. E à primeira vista parece ser assim mesmo. Diz-se que alguém “compreende” seu negócio [no sentido que em português, diríamos: ele entende de mecânica de automóveis] ou “compreende” uma língua estrangeira; que Fulano “compreende” [sabe muito bem] colocar a si mesmo ou suas realizações em evidência; dizemos do vizinho com admiração, ou também ironicamente, que ele, sim, “compreende” o viver [sabe viver]; e assim por diante.

No entanto, trata-se em todos esses usos de um uso impróprio da palavra “compreender” – o que se mostra, por exemplo, no fato de que podemos substituir “compreender” por outro vocábulo sem que haja qualquer alteração de sentido. Quem dissesse por exemplo: habilidade no negócio, conhecimento da língua, apontar a própria competência, saber da arte de viver; ter o conhecimento, proficiência e habilidades que se requerem..., teria dito exatamente o mesmo sem usar a palavra “compreender”.

Qualquer um que ouça com atenção o falar cotidiano das pessoas percebe imediatamente que nós só usamos a palavra “compreender” no sentido estrito, se alguém puder captar o que uma pessoa disse, tal como ela o concebeu. Aquele que compreende não tem que ver só com um **algo** [um fato, estado objetivo de coisas, *Sachverhalt*], mas também, ao mesmo tempo, com um **alguém** vivo que “se” expressa. Pode acontecer que alguém receba o conhecimento de um enunciado, bem como de um fato [*Sachverhalt*], então ele ouve e talvez também saiba o que o outro disse; mas ainda não “compreendeu”, nem a afirmação nem o próprio falante. Para tanto, é

¹. Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. Esta meditação, um pequeno clássico de JP, tem seu original em *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, 1977.

². Dado o uso peculiar da palavra *Verstehen* em alemão, os tradutores preferiram inserir comentários entre colchetes, quando oportuno.

necessário um voltar-se pessoal para o interlocutor; somente então, pelo fato objetivo do som, dos gestos ou do escrito, a verdadeira mensagem é vista, e para ela a pessoa, que agora compreende, também se abre.

Muitas vezes foi confirmado por filósofos e poetas que a compreensão tem tal caráter. Eu só “compreendo” o que toca meu íntimo – é isso o que Hegel diz. E Goethe diz em uma conversa: “compreender” significa desenvolver a partir de si mesmo o que outro disse.

Mas esconde-se em tudo isso um elemento conceitual ainda não explicitado. Mais claramente, embora à maneira da negação, encontra-se designado pelo nome no livro sagrado dos cristãos, no relato da escolha e da missão do profeta Isaías. Lá se encontra a impressionante palavra que se repete, mais ou menos literalmente, em cada um dos quatro evangelhos: “Ouvirão e voltarão a ouvir, mas não quererão compreender” (Is 6, 9). Compreender, ao que parece, só é possível se houver querer, – e lembramos da famosa sentença de Agostinho: não se pode crer senão por livre vontade.

Esta, talvez surpreendente união entre crer e compreender contém, aliás, duas instâncias. Primeira: pode-se ter percebido algo com muita clareza, e achá-lo plausível e razoável: mas só se o compreende e crê quando se quer aceitar como verdadeiro e só então integra-se em sua vida. Mais importante ainda é a segunda: crer, assim como compreender, têm que ver com um alguém vivo e, portanto, ambos só atingem sua plena realização quando nossa vontade se volta afirmativamente para esse alguém. A sentença clássica de Newman: “Cremos porque amamos” corresponde muito precisamente a essa experiência de todo mundo: que nós só compreendemos o que alguém diz, quando “nos entendemos bem” [nos compreendemos bem] com quem igualmente “amamos” (na medida em que possamos usar essa grandiosa palavra).

Mas a conexão entre crer e compreender tem ainda uma outra (e mais problemática) face. Ela se reflete em uma concisa formulação da grande tradição teológica: *fides quaerens intellectum* – que significa que a fé na revelação divina requer a compreensão daquilo que é revelado. Esta sentença só pode ser preservada de uma distorção racionalista que nem sempre é evitada, quando esse “requer” é entendido não como exigência mas como esperança, ou seja, como precisamente pela esperança pode abrir um amor maior e também um olho que vê.

“Oh Deus, eu quero Vos ouvir; peço-Vos, respondi-me se humildemente Vos pergunto: o que é a verdade? Fazei-me ver as coisas como elas são. Nada deve nos turbar”. (Teresa de Lisieux)

Recebido para publicação em 11-06-19; aceito em 14-07-19